

# David Szalay

FINALISTA DO MAN BOOKER PRIZE

«Não há nada que escape a esta extraordinária, inteligente e comovente busca pelo sentido da vida... É difícil imaginar um melhor livro para ler este ano.»

*The Times*



ELSINORE

*Para tudo há um tempo*

*e um momento certo para cada propósito debaixo do céu.*

1

*Seventeen, I fell in love...*

Berlin-Hauptbahnhof.

É essa a estação terminal para os comboios vindos da Polónia, e os dois jovens ingleses acabam de chegar de Cracóvia. Estão com um ar horrível, estes dois adolescentes — exaustos da viagem de comboio, que foi um suplício, além de magros e imundos ao fim de dez dias de *inter-rail*. Um deles, Simon, tem o olhar perdido no vazio. É um rapaz bonito, com maçãs do rosto salientes e feições solenes, inexpressivas e nervosas. São 7 horas, o *pub* da estação está empestado de fumo e cheio de barulho, e, com um ar reprovador, ele escuta os homens na mesa do lado; um é americano, ao que parece, e o outro, mais velho, é alemão e diz, com um sorriso:

— Vocês só perderam 400 mil soldados. Nós perdemos 6 milhões.  
— O americano diz qualquer coisa que se perde no ruído. — Os russos perderam 12 milhões. Nós *matámos* 6 milhões.

Simon acende um cigarro polaco, lê a palavra «*Spiegelei*» num menu plastificado, olha para o dinheiro ali na mesa e aguarda que o empregado o leve; notas de euro, dinheiro bonito, com um ar moderno. Agrada-lhe o tipo de letra que os *designers* escolheram, uma fonte simples e sem arrebiques.

— Só em Leninegrado morreu um milhão. Um *milhão!*

Há gente a beber cerveja.

Lá fora, uma chuva miudinha começa a molhar os arredores cinzentos da estação.

Houve uma discussão com o empregado — se ele podia trazer só um *Kaffeehäuschen*, mas em duas chávenas. Não podia ser. Tiveram de

partilhar uma chávena, Simon e o amigo, que está agora no telefone público — os telemóveis deles não funcionam aqui —, meio escondido na cabina de acrílico fumado, a tentar falar com Otto.

O empregado, no seu colete escarlate cheio de nódoas, foi insolente com eles, pensou Simon. Mas, com os outros clientes, mostra-se obsequioso; os olhos exaustos de Simon seguem-no, enquanto ele vai de um lugar a outro, movendo-se através do fumo e do barulho, a atender os executivos com os seus jornais, como aquele que ergue rapidamente o olhar com um sorriso estreito e depois vê as horas no relógio de pulso enquanto o empregado tira as coisas da bandeja e as pousa na mesa.

Uma voz começa a vomitar informação sobre os comboios. É uma voz maquinal que chega algures do exterior, de onde vem também o vento que invade todos os cantos da estação. Aquela voz é como uma torneira de som — ora abre, ora fecha.

Por esta altura, já Simon se habituou à breve musiqueta que precede cada intromissão por parte daquela voz

daquela voz e do seu eco.

E a breve musiqueta que se ouve a espaços começa a parecer como que um prolongamento do cansaço dele, algo no seu íntimo, uma coisa subjetiva.

O empregado faz, literalmente, uma vénia ao executivo.

A vida ali na estação corre e remoinha como uma corrente lamacenta. Gente. Gente a atravessar a estação como uma corrente lamacenta.

E outra vez aquela pergunta:

*Estou aqui a fazer o quê?*

Vê Ferdinand, o amigo, a desligar o telefone.

Há dias que tentam falar com Otto, um tipo que Ferdinand conheceu em Londres umas semanas antes, um jovem alemão que disse, provavelmente bêbedo, provavelmente sem pensar que isso pudesse acontecer, que Ferdinand seria bem-vindo na sua casa quando fosse a Berlim.

Ferdinand regressa à mesa. Tem um ar preocupado.

— Continua a não atender — diz.

Simon, a fumar, não comenta. Tem a secreta esperança de que Otto não atenda. A ideia de ficarem em casa dele nunca lhe agradou. Não chegou a conhecê-lo em Londres e não gosta de nada do que ouviu sobre ele.

— Então e agora, fazemos o quê? — pergunta.

— Não sei — responde o amigo. — Vamos até ao apartamento?

Ele tem a morada de Otto. Otto *espera-os* algures durante o mês de abril; foi pelo menos isso o que ficou relativamente combinado a partir de Londres, através de mensagens no *Facebook*.

Apanham o S-Bahn, saem ao fim de duas paragens, passam muito tempo à procura do apartamento e, quando finalmente o encontram — quase por acidente; fica numa ruelazinha imunda —, só ali veem um polícia de uniforme verde. Está num patamar a meio da escada, um lanço abaixo do apartamento, sob a luz desmaiada de uma janela.

Sem saberem porque está ali o polícia

Terá Otto sido assassinado?

eles hesitam.

— *Tag* — diz o homem.

Pelo seu tom, é óbvio que ninguém foi assassinado.

Explicam-lhe que vêm à procura de Otto, e o polícia, que evidentemente sabe de quem se trata, diz-lhes que ele não está. Não está ninguém no apartamento, esclarece.

Eles esperam.

Esperam durante mais de uma hora, com Ferdinand a ir de vez em quando até uma cabina telefónica ali na rua para ligar a este ou àquele que poderão saber onde está Otto, isto enquanto Simon se senta no chão ladrilhado, no vasto átrio do prédio, e tenta avançar na leitura de *The Ambassadors* — uma edição da Penguin Classics, muito usada, que traz sempre numa das bolsas laterais da mochila. Os seus olhos cansados encontram este excerto:

*Vive ao máximo; é um erro não o fazer. O importante nem é tanto o que se faz em concreto, mas sim vivermos a nossa vida. Se, no fim, não tivermos isso, então tivemos o quê? Eu já estou demasiado velho*

— ou, pelo menos, demasiado velho para o que me é dado a ver. Aquilo que deixamos escapar, perde-se para sempre; quanto a isso, não te enganes. Mas temos a ilusão de que somos livres; por isso, não te deixes chegar ao estado a que eu cheguei, não vivas sem a memória dessa ilusão. No seu devido tempo, fui tão estúpido — ou tão inteligente — que a rejeitei, e agora sou um exemplo da reação a esse erro. Faz o que quiseses, só não cometas esse erro. Porque foi um erro. Vive, vive!

Tira uma caneta da mesma bolsa da mochila onde traz o livro e assinala todo este parágrafo com um traço vertical. Ao lado, na margem, escreve: TEMA PRINCIPAL.

Ferdinand volta da rua, molhado da chuva, que lhe pregou uma partida.

— Fazemos o quê? — pergunta.

De novo, o S-Bahn.

Parou de chover. Da janela do comboio, veem muita coisa. Uma parte do Muro de Berlim convertida em memorial e revestida de *graffiti* psicadélicos. Não se lembram desse mundo. São demasiado jovens. O sol incide em toda aquela extensão vazia, a sua luz a brilhar no espaço onde antes esteve o Muro. O sol. Pela janela do S-Bahn, através do seu rendilhado de sujidade, incide nos olhos semicerrados de Simon.

*O que faço eu aqui?*

*O que faço eu aqui?*

O comboio muda de linha.

*O que faço*

O comboio abranda

*eu aqui?*

e entra numa estação a céu aberto — a Warschauer Straße. Plataformas varridas pelo vento, terra devastada a toda a volta.

Uma terra devastada.

*Abril é o...*

Estão os dois apaixonados por Eliot, por aquele seu pessimismo melodioso. E veneram Joyce. É o que eles querem ser; um monumento, como ele. Se ficaram amigos, foi graças a esses dois

escritores. E às tragédias de Shakespeare. E a *O Estrangeiro*. E ao dilema de Vladimir e de Estragon, que lhes agrada pensar como o seu. À espera de Otto<sup>1</sup>.

A Warschauer Straße. Os comboios a circularem por entre as ervas daninhas viçosas. Os aguaceiros primaveris metralham os painéis descamados, as passagens para peões deixam ouvir o trânsito que não se chega a ver.

Em Kreuzberg, sentam-se para almoçar, ambos exaustos.

Kreuzberg é uma decepção. Supostamente, é o bairro dos *hipsters*, a zona «alternativa». Ferdinand, em particular, está desapontado. Simon leva garfadas à boca bem desenhada. Não tinha expectativas em relação a Kreuzberg. Nem sequer lhe interessava vir ali e — embora não diga isto em voz alta — acha o amigo ingénuo por ter acreditado que o bairro teria algum interesse.

Enquanto comem, falam de como tudo é muito mais caro ali do que na Polónia (estiveram em Varsóvia, em Cracóvia e em Auschwitz), embora se justifiquem os preços mais altos, parece-lhes, porque as coisas são de melhor qualidade em Berlim. A comida, por exemplo. Que ambos devoram.

Começam a falar dos colegas. Estão no último ano do secundário e, no verão, vão fazer os exames para a universidade. Esperam começar em Oxford, no outono. (É por isso que Simon está, pensamente, a ler as obras de Henry James, à procura de exemplos do «tema internacional».)

Falam de vários colegas — do quanto são imbecis, principalmente —, e Ferdinand menciona Karen Fielding.

Lança este nome como quem diz uma banalidade, sem imaginar que o amigo sonha amiúde com Karen Fielding — sonhos em que os dois tanto poderão falar como tão-só trocar olhares, ou em que as suas mãos poderão tocar-se por um momento, e dos quais ele acorda

---

<sup>1</sup> Vladimir e Estragon são as duas personagens centrais da peça *À Espera de Godot*, de Samuel Beckett. Como o título indica, esperam Godot, que não chegaremos a saber quem é, e o seu dilema resume-se na pergunta que encerra o primeiro ato e depois a peça: «Então, vamos embora?» [N. T.]



ainda a sentir o toque da mão dela, o que lhe traz um momento de uma alegria avassaladora. Regista detalhadamente estes sonhos no seu diário, com total franqueza, e junta-lhes páginas e páginas sobre o que os mesmos poderão significar e sobre a própria natureza dos sonhos.

No mundo real, ele e Karen Fielding mal trocaram uma palavra, e ela não faz ideia dos sentimentos dele — a menos que já se tenha apercebido de como Simon a segue com o olhar quando ela atravessa a cantina de tabuleiro na mão, ou quando vem do *lacrosse*, exausta e com o equipamento todo enlameado. Dela, Simon sabe praticamente uma única coisa, que vive com os pais em Didcot — ouviu-a dizer isto a alguém —, e, desde então, a palavra «Didcot» tornou-se, na sua mente, sinónimo de uma promessa especial e misteriosa. Tal como o nome dela, quase lhe parece uma palavra demasiado poderosa para se escrever, mas, certa noite, num *hostel* em Varsóvia, enquanto Ferdinand estava no duche, escreveu, de coração acelerado: *Para quê esta viagem pela Europa, se só quero estar onde tudo é humilde, suburbano e inglês.*

A caneta parou no ar.

Depois, ele fê-lo, escreveu a palavra.

*Didcot.*

O nome dela, mais poderoso ainda, ele ainda não reuniu coragem para escrever.

Agora, quando Ferdinand o diz, Simon limita-se a anuir e a pôr mais açúcar no café.

O que mais quer é falar dela.

Nada lhe agradaria mais do que passar toda a tarde a falar dela, ou apenas a ouvir o nome dela dito em voz alta uma vez e outra, aquelas quatro sílabas que parecem encerrar em si tudo quanto há no mundo que justifique viver. Mas, em vez disso, põe-se a falar, não pela primeira vez, da impossibilidade de se alcançar qualquer tipo de satisfação enquanto turista.

Ferdinand baixa os olhos e, a mexer o café, escuta enquanto o amigo disserta, mal-humorado, sobre o tema.

O que pretende o turista? Ver coisas? Conhecer mais da vida? A vida está em toda a parte, não é preciso percorrer a Europa à procura dela...  
*só quero estar onde*

Deixando de fazer de conta que o ouve, Ferdinand começa a escrever um postal. A imagem é a catedral de Cracóvia, negra e recortada. O postal é para uma rapariga em Inglaterra com quem ele encetou um vago *flirt*, alguém de quem, por vezes, gosta bastante — ou, pelo menos, alguém que lhe parece valer a pena manter como opção. Sorri e, a passar os dedos pelos pelos do queixo pronunciado, escreve: «Estamos os dois a deixar crescer a barba.» A frase soa-lhe agradavelmente viril. Quando termina, lê alto o que escreveu; quer saber se o amigo aprova. Depois levanta-se e vai à procura da casa de banho.

Demora algum tempo a regressar à mesa e, sentado no restaurante inundado de sol, Simon observa o fumo a subir da ponta do seu cigarro.

Talvez seja o cansaço, o que lhe está a dar vontade de chorar.

*O que faço eu aqui?*

O sentimento de solidão é imenso como uma frente fria. Ao fim de dez dias de *inter-rail*, o amigo parece-lhe quase sempre irritante. Teve de se esforçar para sorrir quando Ferdinand lhe leu o postal e lhe mostrou o boneco com barba que desenhou a caneta verde. E a maneira como ele se encharcou de *Joop!* antes de deixar a mochila no cacifo da estação... A maneira exibicionista como levantou a t-shirt para mostrar ao mundo as espirais de pelos no peito, antes do jato de perfume... Naquele momento... E, supostamente, Ferdinand é seu *amigo*. Mas imenso como uma frente fria é o sentimento solidão que o assola.

Enquanto observa o fumo a subir da ponta do seu cigarro.

No restaurante inundado de sol.

\*

Ao cair da noite, voltam ao apartamento, e quem abre a porta é a irmã de Otto, que está com dois amigos vestidos de cabedal: um, baixo e com a cara cheia de *piercings* (Lutz), o outro, bem mais alto e com um bigode de pontas para baixo (Willi). A irmã de Otto não faz ideia de quem Simon

e Ferdinand são, mas, depois de lhe explicarem a situação, sugere que se ponham à vontade e esperem por Otto — que decerto acabará por aparecer. Ela e os amigos já estavam de saída, explica.

Já a sós, Simon e Ferdinand põem-se, de facto, à vontade. O apartamento é surpreendentemente grande, e eles vagueiam por ali, permitindo-se pequenas liberdades — servem-se de um uísque que parece caro e abrem uma ou outra gaveta. Numa delas, Simon encontra um baralho invulgar. Devem ser cartas de Tarot, pensa. Displícite, volta uma. Uma mão a segurar uma espécie de cajado. *As der Stäbe*, lê-se. *Ás de Bastões?* Um símbolo fálico, obviamente. Não é propriamente subtil. Enfim. Parvoíces. Fecha a gaveta.

\*

Serão umas 2 da manhã quando Otto entra impetuosamente e os encontra nos sacos-cama no chão da sala.

Acende a luz e dá um berro.

Depois, vê Ferdinand, que levantou a cabeça e o olha, estremunhado, e grita:

— Foda-se, vieram *mesmo!*

— Otto...

— Foda-se!

— Espero que não haja problema... — começa Ferdinand a dizer.

— Estás a falar de quê, caralho?! — grita Otto.

— Espero que não te chateies por estarmos aqui...

— Achas?! — berra Otto.

— Sei lá...

— Eu estava à vossa espera, meu.

Está ali mais alguém, a espreitar por cima do ombro dele.

— Escuta, a gente tentou ligar...

— E...?

— Tu não estavas.

— Eu não estava! — explica Otto, sempre aos berros.

— E não atendias o telemóvel...

— Perdi-o!

— Ah.

— Já, perdi-o — repete Otto, mas agora em voz baixa, subitamente desanimado. — Perdi-o.

Sentado num dos sofás, começa a fazer um charro, para decepção de Simon, que tinha esperança em que ele apagasse a luz e desaparecesse.

Otto está a usar um chapéu idiota, e as mangas do blusão terminam bastante acima dos pulsos. A sua maçã de Adão sobre e desce enquanto ele enrola o charro. Acontece que ele e o amigo vão estar toda a semana a trabalhar, a servir bebidas num evento algures fora de Berlim. Enquanto enrola o charro, Ferdinand agradece-lhe uma vez e outra por deixá-los ficar ali.

— Escuta, obrigado uma vez mais, *mesmo* — diz ele, ainda no saco-cama, apoiado num cotovelo.

— Ouve, caga nisso — replica Otto, com uma indiferença de grande senhor, instalado no sofá e com aquele chapéu na cabeça.

— Então, e, hum, o polícia? — interroga Ferdinand.

Otto não dá mostras de ter ouvido a pergunta.

— Hã?

— O polícia. Tipo... — Ferdinand indica o charro a ganhar forma ali no colo de Otto.

Otto mostra-se indiferente.

— Que se foda, meu! — E acrescenta: — Ele está-se a cagar.

— Ele está lá fora porquê?

— É o meu pai — revela Otto. — É uma cena marada.

— O teu pai?

— Já, é uma merda. — Dando os retoques finais no charro, a aplicar saliva com a ponta do mindinho, diz: — O gajo trabalha para o Governo. Tipo...

— Para o Governo? — repete Simon, desconfiado, a falar pela primeira vez.

Ignorando-o, Otto acende o charro.

Simon antipatizou imediatamente com ele. Quem lhe dera que Ferdinand parasse de lhe agradecer. Opta por mal abrir a boca e, fumado

o primeiro charro, quando Otto o encoraja a fazer ele o seguinte, Simon aceita o material sem dizer palavra. Otto repete-lhe que ponha mais «dessa merda». Enquanto isso, perdidos de riso, ele e Ferdinand falam de gente que conhecem em Londres. Daí a pouco, Otto diz a Simon para fazer outro charro e, uma vez mais, não pára de insistir com ele para pôr mais «dessa merda». Já estão todos bastante pedrados. Alguém ligou a televisão e deu com um canal possivelmente pornográfico — mulheres nuas num campo de trigo, parece que é isso. Simon nem olha para lá. Os outros riem-se. De repente, Simon dá-se conta de que o amigo de Otto se foi embora. Não se lembra de o ver sair. Tem a sensação desconfortável de que o imaginou, de que não esteve ali mais ninguém. Os outros dois riem-se das mulheres no campo de trigo, Otto a olhar para o ecrã com sofreguidão, de olhos a brilhar e com a língua meio de fora, hipnotizado.

Simon não se sente nada bem. Sem dizer palavra, levanta-se e vagueia em busca da casa de banho. Quando a encontra, perde a noção de onde está e fica muito tempo a examinar os frascos de champô e um boneco de dar corda (um sapo de plástico) no rebordo da banheira, junto à parede. Limita-se a ficar ali durante muito tempo, a olhar para eles. Está a olhar para o sapo de plástico de dar corda, com a sua cara verde e inocente. O zumbido do extrator parecer-lhe cada vez mais o choro de alguém.

Quando se senta no chão da sala, uns 20 minutos depois, Otto pergunta-lhe:

— Ainda sobrou dessa merda?

— Nada — replica Simon.

A sala, toda em bege e tons creme e decorada com artefactos orientais, parece-lhe um lugar estranho, como se estivesse a vê-la pela primeira vez.

— *Gastaste* essa merda?

Incapaz de se controlar, Ferdinand começa a rir feito parvinho.

— Desculpem, desculpem — não pára de dizer.

— *Gastaste* essa merda toda? — repete Otto, no mesmo tom incrédulo.

Ferdinand dá risadinhas e pede desculpa.

— Sim — responde Simon.

Também deixou cair cinza incandescente e queimou o lustroso tapete creme, mas resolve não mencionar essa parte.

— Foda-se — diz Otto. E depois, como se aquilo pudesse ser apenas uma piada: — De verdade, gastaste tudo?

— Mesmo.

— Desculpa — diz Ferdinand, de repente muito sério.

Otto suspira.

— Tudo bem — diz. Mas ainda não aceitou completamente a ideia. — Foda-se. Gastaste mesmo essa merda toda... — diz, passados segundos.

Devagar, Simon torna a enfiar-se no saco-cama e vira-se para o outro lado. Quando adormece, ainda eles estão à conversa.

\*

No dia seguinte, ele e Ferdinand visitam Potsdam. Parece ser a única coisa que Simon quer mesmo fazer em Berlim — visitar Sanssouci, o palácio.

Depois da estação de Potsdam, um portão ornamental pintado de verde. Segue-se uma alameda de árvores pequenas. O palácio fica no cimo de uma colina em socalcos. Na base da colina, uma fonte deixa sair um jorro potente, e veem-se estátuas brancas dispersas pelo parque — homens a estuprarem mulheres, a lutarem uns com os outros ou de sobrolho nobremente franzido ao contemplarem algo na distância, todos petrificados numa pose de um arrebatamento obscuro, imóveis entre sebes silenciosas ou ao lado da superfície calma de lagos ornamentais.

Ao vaguear por aquele cenário — longos carreiros a direito, com árvores de um lado e do outro; as fontes onde estes se intersejam; as fachadas que lhes põem fim —, Simon sente uma espécie de júbilo.

Há um sítio onde se pode beber chá. Sentam-se os dois em cadeiras de metal, próprias de esplanada, e ele discorre sobre como todo aquele

cenário, um pouco como a música de J. S. Bach, é a expressão de como se organiza naturalmente a mente humana.

A comer uma fatia de bolo, Ferdinand queixa-se da acne nas costas — que lhe mancha a camisa, diz.

Simon tem um problema parecido, mas não o menciona. (A verdade é que faz tudo para que o amigo não lhe veja o corpo.) Em vez disso, pousa *The Ambassadors*, fala a Ferdinand de Frederico Guilherme, o pai de Frederico, o Grande, e da obsessão que ele tinha com a sua guarda. Todos os que a integrassem tinham de ser altíssimos. Adicionalmente, era muito miudinho com cada detalhe dos uniformes e, sempre que estava indisposto, punha-se a vê-los marchar. Esta história faz rir Ferdinand.

— Impecável — comenta, apanhando com o dedo um restinho de creme que ficou no prato. Satisfeito, Simon termina o seu chá e torna a agarrar no livro. Já é o final da tarde; não foi fácil darem com o palácio. As sombras das estátuas alongam-se sobre os relevados imaculados.

— E esta noite, fazemos o quê? — pergunta Ferdinand.

Sem erguer os olhos do livro, Simon mal encolhe os ombros.

A irmã de Otto, que estava no apartamento quando eles acordaram, tinha sugerido que se juntassem a ela e aos seus dois amigos, Lutz e Willi, para beberem uns copos. Ferdinand alude a essa possibilidade. E, uma vez mais, Simon mostra-se propositadamente evasivo. A ideia de passarem a noite com a irmã de Otto e os amigos dela enche-o de algo parecido com medo, uma espécie de pânico vibrante.

— Eles são um bocado imbecis, não? — comenta, ainda de olhos postos no livro.

Ele e Ferdinand passaram grande parte do dia a rirem de Lutz e de Willi, das suas fatiotas de cabedal, dos *piercings*, do riso fininho de Lutz e dos bigodes descaídos de Willi.

— Parecem porreiros — replica Ferdinand. — Apetece-lhe sair com eles. Há dez dias que a sua única companhia é Simon. — E a irmã do Otto é impecável.

— É?

— Achas que não?

– É simpática – diz Simon, formal, e volta a página do livro.  
– Suponho.

– Também, se não for isso, fazemos o quê? – interroga Ferdinand, com uma espécie de risada.

– Não sei.

– Bebemos só um copo com eles, e pronto – insiste Ferdinand. – Também não podem ser assim tão má companhia.

– Que horas são?

– Horas de irmos andando.

– A sério? – replica Simon, olhando em volta do parque agora mergulhado em sombras. – Estava a gostar de estar aqui.

Acabam por passar parte da noite com a irmã de Otto, Lutz e Willi. Simon parece decidido a não se divertir. Limita-se a ficar sentado com uma expressão solene enquanto os outros conversam, a ponto de a sua presença quase embaraçar Ferdinand – o seu amigo é a personificação de um triste que se limita a beber vinho caseiro aos golinhos, sem socializar. Estão em Kreuzberg, num sítio meio *hippie*, debaixo de umas árvores cujas flores cheiram a sémen.

– O teu amigo tem algum problema? – pergunta Lutz a Ferdinand, inclinando-se para lhe sussurrar com um tinido de *piercings*. – Ele está bem?

Luz tem os cabelos tom de areia e é feio.

– Não sei – responde Ferdinand, suficientemente alto para Simon o ouvir, embora finja que não. – Ele é sempre assim.

– Então deve ser boa companhia para viajar.

Ferdinand apenas ri.

– Se calhar, é só tímido, não? – sugere Lutz.

– Talvez.

– De certeza que é porreiro.

– Claro que sim – defende-o Ferdinand. – É muito inteligente.

– Aposto que sim.

– E, às vezes, consegue ser muito engraçado.

– A sério?



— Mesmo.

— Custa-me imaginar — confessa Lutz.

Mas o caso é que o seu amigo Willi se mostra quase tão taciturno como Simon, sorrindo igualmente pouco, pelo que a despesa da conversa fica por conta de Ferdinand, de Lutz e da irmã de Otto. Inevitavelmente, falam dos sítios que Ferdinand e Simon já visitaram e do que fizeram em cada um. Estiveram em vários locais turísticos, quase todos eclesiásticos, o que indigna Lutz.

— Há tempo para essa merda toda quando forem velhos! — protesta. — Não têm de andar a ver isso *agora!* Que interesse têm vocês em *igrejas*? Isso é para quando tiverem o cabelo branco. Que idade têm vocês, putos? — pergunta. Dezassete, respondem eles. — Ainda tão novinhos... — diz Lutz, cheio de sentimento, embora seja, no máximo, dez anos mais velho do que eles. — Divirtam-se, OK? OK?

**D**ivirtam-se.

Um comboio noturno para Praga. Não há um único lugar livre, e passam a noite deitados no chão, junto à casa de banho, a levarem continuamente com os pés de quem passa.

A dada altura, já depois do amanhecer, levantam-se e vão comer qualquer coisa.

Lá fora, a paisagem ondulante desliza, numa bela luz matinal.

Pinheirais envoltos em névoa.

Simon continua a pensar num sonho que teve a dada altura enquanto dormia no chão da carruagem. Envolvia qualquer coisa no fundo de um lago, algo que lhe pertencia. A seguir, estava à conversa com alguém lá da escola, e o assunto era Karen Fielding. A pessoa com quem ele estava a falar empregou uma palavra estranha, uma palavra que talvez nem exista. Depois disso, cruzou-se com a própria Karen Fielding numa entrada estreita e baixou os olhos, mas, ao erguê-los novamente, ela sorriu-lhe, e então ele acordou e sentiu-se, momentaneamente, saturado de uma alegria indescritível.

— Foda-se, meu, estás cá com uma cara de depressão... — comenta Ferdinand, sentado diante dele, os dois a uma mesa do vagão-restaurante.

— Achas?

— Ouve, tu estás bem? É que não pareces.

Ferdinand está claramente a esforçar-se por compor as coisas entre eles, é a impressão de Simon.

Desentenderam-se na véspera, ao planearem a próxima etapa da viagem.

Simon queria apanhar o comboio para Praga logo cedo. Ferdinand não queria. Otto oferecera-se para os levar a conhecer o lado mais divertido de Berlim, e ele queria fazer isso.

Com a sua habitual resistência silenciosa, Simon lá conseguiu levar a sua avante — mas depois quis parar em Leipzig para visitarem o túmulo de J. S. Bach.

Ferdinand sentiu que a paragem em Leipzig fora, de certa forma, uma rasteira, e acabou por se revelar horrível. Dez horas na estação, cercados de ruas empestadas de fumo de gasóleo queimado — o próximo comboio para Praga só partiria a meio da noite —, tudo por alguns minutos na gelada Thomaskirche<sup>2</sup>, que o próprio Simon descreveu como «intrinsecamente banal».

Finalmente, por volta da meia-noite, e sem se falarem, foram sentar-se à espera na plataforma, onde um grupo de jovens cristãos alemães entoava canções como *Let It Be* e *Blowing in the Wind* enquanto a chuva caía sobre os postes de iluminação e os carris escuros.

Simon parece não se ter dado conta do desentendimento, quando mais dos esforços do amigo, de manhã, para fazer as pazes.

Está a olhar pela janela, o sol baixo a incidir-lhe no perfil bem desenhado, as mãos a tremerem-lhe ligeiramente depois daquela noite horrível.

— Daqui a cerca de uma hora chegamos a Praga — informa Ferdinand.

— Ah é?

A mente de Simon foi invadida por uma imagem cuja origem ele desconhece: a vida humana enquanto bolhas a subirem através da água. E, ao subirem, em fluxo ou em aglomerados, tocam-se e misturam-se e, contudo, cada uma mantém-se individual e una nessa subida desde as profundezas até à luz; só ao chegarem à superfície deixam de existir enquanto entidades singulares. Na água, tinham uma existência

---

<sup>2</sup> A Igreja de São Tomás. [N. T.]

física, individual; no ar, são parte do ar, parte de um todo sem fim, inseparáveis de tudo o resto. *Sim*, pensa ele, os olhos franzidos contra a luz do Sol suavizada pela névoa e agora rasos de lágrimas, é isso — a vida e a morte.

— Onde sugeres que a gente fique? — pergunta Ferdinand.

— Não sei.

— Num *hostel*?

— Pode ser — responde Simon, ainda a contemplar a paisagem e o nevoeiro a levantar.

É tudo muito rápido. O comboio entra na estação, e, à espera na plataforma, veem-se vários homens de ar desesperado. Os seus rostos erguidos passam a deslizar pela janela enquanto o comboio abranda até parar. Ainda a descerem os estreitos degraus de metal da carruagem, os dois adolescentes ingleses são pretexto para um confronto e, minutos depois, estão num *Skoda* com mais anos do que eles, cujo motor faz um barulho como o das vespas e cujo escape vai tossindo fumo azulado em quantidades espantosas. O fumo tem um cheiro adocicado e entontece. Idem para as árvores em flor na rua. Fora a sua língua materna, o homem ao volante sabe apenas algumas palavras em alemão. *Zimmer frei, zimmer frei*, insistiu ele na estação, agarrando quase à força as bagagens deles e precipitando-se em direção à sua viatura.

É um trajeto de cerca de 20 minutos, quase sempre a subir (e, portanto, muito, muito devagar), até chegarem a um subúrbio verde-primaveril, com o asfalto a desfazer-se e casas com a pintura desbotada no meio de pequenos lotes de terreno, onde finalmente param diante de uma casa de um só piso com uma árvore à frente; as flores que foi perdendo revestiram o caminho, formando uma papa peganhenta. É ali que o condutor deles vive com a sua mulher, que fala um pouco de inglês.

Ao saírem do *Skoda*, ouvem o chilrear de pássaros, e ela também ali está, a abrir o portão da frente com entusiasmo, e mesmo alguma paciência. Deve ter 40 anos e tem ar de quem acaba de se levantar.

Os cabelos — uma espécie de bege-dourado — estão soltos e não foram escovados, e ela está a usar um robe amarelo de felpa e umas sandálias de plástico azuis. Aproxima-se, as sandálias azuis a pisarem o chão acamado de flores, as sombras fraturadas a salpicarem-lhe de manchinhas de luz o rosto liso; sorri e cumprimenta cada um dos jovens visitantes com dois beijos na cara. Depois, apressa-os a entrar e mostra-lhes o quarto onde ficarão instalados — uma única cama, de solteiro, um colchão de espuma manchado no chão e uma janela tapada pela folhagem. Sorri-lhes, enquanto, exaustos, olham à volta do quarto.

— Quarto bom? — pergunta ela.

Diz-lhes que deixem ali as coisas e lhe façam companhia a tomar o pequeno-almoço, e os dois seguem-na por um corredor onde está uma máquina de lavar; passam por uma casa de banho com péssimo ar e entram na cozinha.

Ao seguir aquela mulher com o amigo, Simon continua a pensar no sonho que teve no comboio. É como se fosse mais real do que o lugar onde agora está, do que a máquina de lavar por que passou há instantes ou do que a cozinha inundada de sol onde agora lhe está a ser dito que se sente.

*só quero estar onde*

Neste momento, *ela* está a fazer alguma coisa, *ela* está a fazer alguma coisa ao mesmo tempo que ele se senta a uma pequena mesa quadrada na cozinha inundada de sol. E o modo como ela lhe sorriu no sonho parece-lhe mais real do que a mulher agora a tirar coisas do frigorífico e a explicar-lhes porque tomaram eles a decisão certa ao optarem por ficar ali em sua casa.

O modo como ela lhe sorriu no sonho. É possível que tenha sido ele a inferi-lo. O rosto dela não estava mesmo a sorrir. Na verdade, estava sério. Pálido, emoldurado pelos cabelos escuros, tinha uma expressão séria. Mas os seus olhos azuis de boneca transbordavam ternura e, de alguma maneira, ele soube que ela lhe estava a sorrir. E então acordou com a primeira luz do dia a inundar a carruagem e com o matraquear febril das rodas nos carris.

A mulher diz-lhes que não está interessada em dinheiro, que não é por isso que alberga visitantes em sua casa. Gosta de pessoas, é tudo, explica, e quer ajudar. Fará tudo o que puder para os ajudar.

— Eu ajudar os dois — diz-lhes.

A sua casa, reconhece, não fica propriamente numa localização central, mas garante-lhes que não é difícil chegar ao centro. Vai mostrar-lhes como devem fazer, acrescenta, e é isso o que depois faz, enquanto eles comem; abre um mapa na mesa da cozinha e, com o dedo, indica-lhes o percurso até à estação de metro, embora a maior porção do mesmo pareça estar impressa precisamente no vinco da dobra do mapa, onde o papel está mais gasto e o desenho é ilegível.

Estão a beber *slivovice* numas chávenas pequeninas em forma de bolota; a atmosfera é pardacenta e tresanda a fumo de cigarro. Acontece também que, ao debruçar-se sobre o mapa de Praga, grande e algo maltratado, com cada zona numa cor, ela está a ser um tanto displicente com o robe, e não é claro o que ela traz vestido por baixo, se é que vestiu alguma coisa, e esse é um pormenor que não escapou a Ferdinand, que tenta chamar a atenção do amigo com um sorriso devasso e um aceno de cabeça, mas, nesse instante, entra o marido, que tira o cigarro da sua boca pequena e diz algumas palavras em checo.

Sem tirar os olhos do mapa, ela tenta enxotá-lo da cozinha — agora está a indicar-lhes outro caminho qualquer, o seu dedo com a pele seca a traçar uma rua sinuosa —, provocando o que parece ser uma curta, porém acesa, discussão entre os dois.

Ferdinand, ainda com um sorriso devasso.

Ela, ainda debruçada para o mapa.

O marido permanece ali por um momento, a ferver de raiva. Depois sai, e ela diz-lhes que ele vai trabalhar. É ex-jogador de futebol, explica, e dá aulas de Educação Física.

Senta-se, acende mais um cigarro e pousa a mão no joelho de Simon. (Apesar do silêncio deste, ela parece simpatizar especialmente com ele.)

— Meu marido — continua — não sabe mais coisa nenhuma, só o futebol. — Uma pausa. A mão dela continua no joelho dele. — Tu entendes o que digo?

— Sim — responde Simon.

Ingerir bebidas alcoólicas tão cedo, e depois da noite péssima que tiveram, deixou-o bastante atordoado. Não sabe bem o que está a acontecer ou de que fala ela. Tudo lhe parece involuntariamente vívido — a cozinha inundada de sol, as imagens de gatinhos na parede, os olhos azuis da mulher do futebolista, a sua pele fina como pergaminho. Ela fita-o com um olhar perturbador. Simon baixa os olhos e dá por si a olhar-lhe os joelhos delicados e nus.

E os olhos dela, de novo.

— Não sabe mais coisa nenhuma, só o futebol — repete ela. Ele está a olhar para a boca dela quando ela diz isto. — Tu entenderes eu. — Desta vez, não parece tanto uma pergunta, mas antes uma instrução.

— Vocês rapazes novos — continua ela, sorrindo alegremente e agarrando na garrafa de brande. — Gostam de desporto?

— Eu gosto — diz Ferdinand.

— Sim?

— O Simon não gosta.

— Isso não é verdade — resmungo Simon, irritado.

Ela parece não ouvir. Volta-se para ele e diz:

— Ah não? Gostares de quê? De quê? Acho que já sei do que gostas! Torna a pousar a mão no joelho dele e começa a rir.

— O Simon gosta de livros — informa Ferdinand.

— Ah, gostas dos livros! *Bom*, isso. Eu gosto dos livros! Oh... — Leva a mão ao coração. — Eu *adoro* os livros. O meu marido não gosta dos livros. Arte não interessa a ele. Tu interessas por arte, não é?

— Ele interessa-se por arte — confirma Ferdinand.

— Oh, *bom*, isso! — Sem tirar os olhos de Simon, ela suspira. — Beleza — diz. — Beleza, beleza. Eu vive para beleza. Olha, eu mostrar.

Empolgada, leva-o até ao *hall* e mostra-lhe um quadro na parede. Uma paisagem sem profundidade nem vida, em cores feias, berchantes. Diz-lhe que o comprou em Veneza.

— É bonito — diz ele.

Ficam ali, em silêncio, por um minuto.

Ao olhar o pequeno quadro horroroso, Simon tem consciência da presença dela ao lado dela, da mão dela no seu ombro, pesada e quente.

– O teu amigo – diz ela para Ferdinand, acendendo mais um cigarro –, ele entende.

Estão de volta à cozinha.

– Ele é muito inteligente – elogia Ferdinand.

– Ele entender beleza.

– Sem dúvida.

– Ele *viver* para beleza. Ele como eu. – E, a desenroscar a tampa da garrafa de brande, repete: – Meu marido não sabe mais coisa nenhuma, só o futebol.

– O mais belo jogo do mundo – graceja Ferdinand.

Ela ri, mas não é claro se entendeu a piada.

– Tu gostas do futebol? – pergunta depois.

– Sou mais de rãguebi, por acaso – responde Ferdinand.

Tenta explicar-lhe como é o rãguebi. Ela fuma enquanto ouve e, ocasionalmente, faz perguntas que revelam que não percebeu nada.

– Então assim como o futebol? – conclui, ao fim de vários minutos de explicação detalhada, afastando o fumo com a mão.

– Hum. Mais ou menos – replica Ferdinand. – Sim.

– E raparigas? – pergunta ela. – Gostam das raparigas?

A pergunta embaraça Ferdinand menos do que embaraça Simon, e, depois de uma curta pausa, ele responde:

– Está claro que gostamos de raparigas.

Ela torna a rir.

– Está claro!

Está a olhar para Simon, que não levanta os olhos da mesa. Diz:

– Em Praga encontram muitas raparigas.

Parados na Ponte Carlos, com as suas estátuas enegrecidas e turistas que apontam nesta e naquela direção, Simon declara que tudo aquilo é uma Disneylândia sem alma.

Na Catedral de São Vito, ao percorrerem o seu interior mergulhado em luz difusa e a cheirar ligeiramente a óleo de cedro, vê um cartaz



a anunciar que no final dessa tarde será ali tocada a Missa em Dó Menor de Mozart, o que o anima ligeiramente, e, comprados os bilhetes, sentam-se na esplanada de um *pub* para turistas do outro lado da rua, em frente à catedral, onde ficam a fazer tempo.

Ferdinand fuma um cigarro, coisa que não lhe é habitual, um dos *Philip Morris* de Simon. Enquanto o amigo lhe diz o quanto odeia Praga, Ferdinand repara em duas raparigas numa mesa próxima. Poderão não ser as beldades que a sua albergueira lhes prometeu, mas não estão mal. Uma delas não está mesmo nada mal. Tenta ouvir-lhes a conversa, para perceber que língua falam. É óbvio que não são dali.

— Como pode um turista ser *feliz*? — questiona Simon. — Sempre de um lado para o outro, sempre a tentar ocupar o tempo, à procura disto ou daquilo...

— Bolas, estás bem-disposto.

— Não estou *maldisposto*, estou só a dizer que...

As raparigas parecem ser inglesas.

— E aquelas duas *ali*? — pergunta Ferdinand, em voz baixa.

— O que é que têm? — replica Simon.

— O que dizes?

Simon faz um esgar, algures entre o impaciente e o sofrido.

— Oh, vá lá! — protesta Ferdinand. — Não estão assim tão mal. Até são giras. Mais do que as que vimos em Varsóvia.

— Também não era difícil...

— Pois olha, para fácil estou cá eu, se é que me entendes. — Ferdinand ri-se. — Vou dizer-lhes que se venham sentar connosco.

Simon suspira de impaciência e, com as mãos a tremerem ligeiramente, acende mais um cigarro. Observa enquanto Ferdinand, com um desembaraço invejável, vai até à mesa delas e lhes fala. Indica a mesa onde deixou Simon sentado, e Simon desvia logo o olhar; ergue-o para a tranquilizadora e sombria magnitude gótica da Catedral de São Vito. Está ainda a admirar a catedral, ou a fingir que o faz, quando ouve Ferdinand dizer:

— Este é o meu amigo Simon.

Volta-se na direção do sol e franze os olhos. As duas raparigas estão ali, de pé, cada uma a segurar o seu copo. Uma delas tem um chapéu de palha na cabeça. Ferdinand faz-lhes sinal para se sentarem, coisa que ambas fazem, embora hesitantes.

— Ora muito bem — diz Ferdinand, sentando-se também, ajeitando a cadeira com um chiar arrastado e falando com uma espécie de cordialidade teatral —, então, que tal acham Praga? Chegaram há quanto tempo? Nós só chegámos esta manhã; ainda não vimos grande coisa, pois não, Simon?

Simon abana a cabeça.

— Não, nem por isso.

— Fomos dar uma espreitadela ali dentro — continua Ferdinand.  
— O Simon gosta de catedrais.

As duas raparigas olham-no de fugida, como se à espera de o verem confirmar ou negar, mas Simon não se manifesta.

— Já entraram ali? — pergunta Ferdinand, a falar diretamente para a do chapéu de palha, que é bem mais atraente do que a amiga.

— Sim, ontem — responde ela.

— É qualquer coisa, não é?

Ela ri-se.

— Não está mal — diz, como se achasse que ele poderá estar a brincar.

— Enfim, suponho que acabam por ser todas mais ou menos o mesmo — replica ele. — Nós estivemos em praticamente todas quantas há nesta parte da Europa, portanto, posso afirmar isto com alguma autoridade.

— Ai sim?

— Ora, tu percebes.

— Então e onde mais estiveram? — pergunta ela.

E põem-se na conversa — onde é que estiveram, o que viram.

Os modos de Ferdinand irritam Simon. É como se aquilo fosse uma espécie de máscara que o amigo põe sempre que conhece alguém, como se, de alguma maneira, houvesse uma hipocrisia intrínseca na sua abordagem, e considera o seu próprio silêncio como um protesto

contra essa hipocrisia. E também contra o tédio da situação. Quando a amiga gorducha da Chapéu de Palha lhe pergunta de que música gosta ele, ele limita-se a encolher os ombros e responde que não sabe.

Ferdinand está a contar o episódio do casal japonês que viram — ele, de fato de linho e de panamá; ela, de vestido azul-turquesa com brilhantes — a dançar na Praça do Mercado de Cracóvia. Depois, conta como, ao chegarem à fronteira da Polónia com a Alemanha, ele e Simon foram obrigados a descer do comboio para serem revista-dos por oficiais alemães de bigode.

— Acho que até foi mais por causa do Simon. — Graceja, e sorri, arrancando risinhos às duas, e então Simon sorri também, mas é um sorriso desmaiado, sem alegria; está tão-só a aceitar um papel que sente ter-lhe sido imposto. — Revista integral em pelota — remata Ferdinand.

Chocada, a Chapéu de Palha põe-se a rir aos guinchinhos.

— A sério?!

— Não — responde Simon, sem olhar para ela. Depois anuncia, falando ostensivamente para Ferdinand, como se estivessem os dois sozinhos: — São quase 17 horas.

— Ah sim? — replica o amigo, como se não entendesse o porquê de tal informação.

— Sim — reitera Simon. Um breve silêncio. — Agora temos o...

— Sim, sim — corta Ferdinand. Parece refletir por instantes, os outros três ali à espera. Volta-se para a Chapéu de Palha. — Escutem, vamos ver um concerto agora às 17. Acho que vai ser um espanto. Não querem vir?

Ela olha para a amiga, que encolhe os ombros.

— É onde?

— Precisamente aqui! — E indica o majestoso edifício de pedra diante deles. — Lá dentro. Mozart ou lá o que é. É Mozart, certo?

— Sim — confirma Simon, nada entusiasmado.

— O Simon adora merdas dessas — esclarece Ferdinand.

As duas tornam a entreolhar-se, comunicando silenciosamente.

A desculpa é que não estão com muito dinheiro.

— Bom, então que tal encontrarmo-nos a seguir? — propõe Ferdinand, ainda a sorrir. — Aquilo não deve demorar muito, acho. Quanto tempo é? — pergunta a Simon, como se estivesse a falar com a secretária.

— Não sei — responde Simon. — Mas não deve ser mais de uma hora.

— Podemos encontrar-nos aqui mesmo quando acabar — sugere Ferdinand. — Daqui por uma hora, mais ou menos?

Elas acedem, e Ferdinand e Simon deixam a esplanada.

— A do chapéu é impecável, não achaste? — pergunta Ferdinand.

— É normal.

— Eu diria mais do que isso. E é gira à brava. Então e a amiga?

— O que é que tem a amiga?

Ferdinand ri, divertido.

— Já, percebo-te — responde.

E, com ele a trautear para consigo, todo contente, instalam-se num dos bancos corridos.

— A gente vai ouvir o quê? — pergunta.

— Mozart — responde Simon, sem olhar para ele. — A Missa em Dó Menor.

— Já, é isso.

E, com ar de quem quer gozar a experiência ao máximo, Ferdinand junta as mãos no colo e fecha os olhos.

A música começa.

DAVID SZALAY

*A música.*

Mais tarde, quando regressam à esplanada, entretanto engolida pela sombra da catedral, verificam que as raparigas se foram embora. Enquanto o seu amigo, irritado com a situação, vai perguntar ao empregado se alguém deixou uma mensagem para ele, Simon parece continuar a ouvir a música em pensamento — como se, embora a soprano já não esteja ali, continuasse a escutá-la algures lá adiante, a sua voz a encher o vasto interior de pedra da catedral. E, enquanto aguardam o hipotético regresso das duas raparigas, enquanto o amigo, de pé, perscrutando o anoitecer inundado de turistas, Simon fica sentado a fumar e continua a ouvir aquela voz. Havia algo de sagrado naquela voz.

Ferdinand volta-se. Parece agastado.

Havia algo de sagrado naquela voz.

— Foda-se — resmunga Ferdinand.

A invocação do sagrado no vasto interior de pedra da catedral, aquela música luminosa.

— Elas já não vêm.

Aquela música luminosa, a voz da soprano que já não está ali.

A encher o vasto interior de pedra da catedral.

— Pois não — diz Simon.

O amigo senta-se e, sem pedir, tira-lhe um *Philip Morris*. Tenta fazer que não está chateado.

— Então e agora, o que é que fazemos? — pergunta.

Deixam a esplanada e procuram um sítio onde comer.

Perdidos, vagueiam por ruelas.

Ferdinand pára num quiosque de revistas para pedir indicações.

Enquanto o amigo tenta fazer-se entender, Simon apercebe-se de que algumas daquelas revistas são pornográficas — os seus olhos veem enormes mamilos, pele exposta, bocas abertas. Na verdade, o quiosque vende exclusivamente pornografia. O dono, um homenzinho de ar cansado, não fala uma palavra de inglês; a gesticular, pede a Ferdinand que aguarde e desaparece no interior de uma loja cuja montra está vazia.

Torna a sair momentos depois, acompanhado por uma mulher de meia-idade com um vestido azul simples. Simon sente pena dela — tem de suportar um quiosque de revistas porcas mesmo diante da sua loja.

— Sim? — diz ela, sorrindo timidamente ao aproximar-se.

Ferdinand explica que se perderam e que andam à procura de um sítio onde comer.

Ela indica-lhe como devem fazer para regressarem à parte da cidade que conhecem e depois, como que a pedir desculpa, acrescenta que não conhece nenhum sítio por ali onde eles possam comer, pelo menos que esteja aberto àquela hora.

— Sinto muito — diz.

— Não, não, que disparate — replica Ferdinand. — Muito obrigado pela ajuda...

— E compram revistas? — pergunta ela.

A pergunta parece ser sobretudo para Simon, que continua parado junto ao quiosque, a fumar um cigarro. Ele olha-a como se não tivesse compreendido.

— Sexo — esclarece ela, indicando o quiosque.

Começa a abrir um sorriso e, de repente, quando o faz, o seu rosto parece medonho a Simon — parece uma criaturinha malévola com pequenas presas amarelas.

— Não — responde de imediato.

— Podes ver — diz ela, ainda a sorrir, e, puxando uma das revistas do elástico que a segura, estende-lha, fechada no plástico. — Tu veres.

— Não estamos interessados, obrigado — intervém Ferdinand.

— E não interessados porquê? — replica ela, com uma risadinha.

— Não estamos e pronto — responde ele, seguindo o amigo, que já vai no meio da rua. — Obrigado.

Jantam num Pizza Hut e depois apanham o metro até ao fim da linha, já nos subúrbios.

\*

Estendido no colchão de espuma no chão do quarto onde foram instalados, tapado com um lençol laranja e caqui às florezinhas, Simon tenta concentrar-se no seu diário. Ferdinand está a tomar um duche. Simon consegue ouvir o silvar do jato e, enquanto o ouvir, isso significa que o amigo não regressará. Também consegue ouvir a gritaria vinda da cozinha, onde a sua albergueira e o marido estão a discutir. Tem tempo; não demoraria muito. Já faz quase uma semana desde a última vez que... Foi na casa de banho do comboio de Varsóvia para Cracóvia, sempre aos solavancos e envolto em ruído. Os seus dedos acabam de encontrar aquela promissora dureza sob o lençol quando ouve a água ser fechada com um chiar e um estremecer dos canos, e então, puxando os bóxeres para cima, recomeça a escrever, ou faz por dar essa impressão — quando Ferdinand entra no quarto, com uma toalha das pequenas em volta da cintura, ele está tão-só a segurar a caneta, mais nada.

— Continuam naquilo? — pergunta Ferdinand, referindo-se à gritaria.

Ouvm alguma coisa a partir-se na cozinha.

A segurar a caneta, mas sem escrever, Simon nada diz.

— Alguém não está mesmo nada contente — comenta Ferdinand. — De pé diante de um espelho pequeno, olha por cima do próprio ombro, a tentar ver as costas com a acne inflamada e cheias de crostas. — Está pior — conclui. — Vê lá. Está pior, não está?

Simon ergue momentaneamente o olhar do seu diário.

— Não sei — diz.

— Está pior — repete Ferdinand.

Com um suspiro, instala-se na cama com o seu volume de Yeats profusamente anotado. Ao fim de poucas linhas

*Os jovens*  
*Abraçados*



DAVID SZALAY

torna a suspirar e então fica um minuto, ou talvez mais, a fitar o teto esbranquiçado.

*Os jovens*

*Abraçados*

Pousa o volume de Yeats no chão de tacos envernizado. Tapa-se com a colcha fina e volta-se para a parede.

Sem ter escrito nada, Simon pousa também o diário e apaga a luz – um candeeiro de secretária no chão, ao lado do colchão onde está deitado.

– **O** meu marido – diz ela na manhã seguinte, a tirar as coisas do pequeno-almoço do frigorífico e a pô-las na mesa, à qual eles já estão sentados – está em Brno. O futebol. Ele fica em Brno três dias.

– É algum torneio? – pergunta Ferdinand.

– Como dizes?

– Ele está em Brno por causa de um torneio? – Ela parece não entender. – Para um jogo?

– Jogo, sim. Jogo importante. O futebol.

Esta manhã, não há *slivovice*. Há café e cigarros. E pão duro, para quem o quiser. Ela está de ressaca, mas bem-disposta. Com o seu robe amarelo que lhe dá pelo joelho, senta-se ao lado de Simon e pergunta-lhe:

– Os dois encontram raparigas ontem?

Ele parece ficar embaraçado e não saber bem o que dizer.

– Hum...

– Não? – interroga ela, em tom de surpresa. – Fácil para ti, eu achava.

– Bom, encontrámos, sim – responde Ferdinand.

– Tu *gostas* das raparigas?

A pergunta foi para Simon, mas é Ferdinand quem responde.

– Sim – diz ele –, muito.

A sorrir, ela continua a olhar para Simon.

– E tu?

Incomodado, ele dá uma passa no cigarro.

– Sim – responde.

Ela examina-lhe o perfil alongado de testa franzida, enquanto ele, por seu turno, parece estar a examinar a mesa, como se quisesse memorizar cada coisa que ali está

um pacote de leite — *mléko* —, de *design* muito simples

o seu maço de *Philip Morris*, o aviso dos riscos para a saúde em alemão

os *Petra* dela, maço mole com uma lista vermelha

um isqueiro *Cricket*

— Tu rapaz muito bonito — elogia ela.

um cinzeiro de vidro, cheio

uma cesta de plástico com umas quantas fatias de pão duro

— Quando eu era jovem — começa ela a contar — queria conhecer rapaz bonito igual a ti.

um pires com um quadrado de manteiga descorada

Quando eu era jovem...

Ela conta-lhes a respeito da sua juventude.

Afinal, não é checa. É sérvia. Ela e o marido conheceram-se na Jugoslávia, que então ainda existia; ele jogava lá futebol. Ela era das mais altas do clube desportivo local que dava apoio à equipa dele. Loura e de olhos azuis, faladora e cheia de vida, acompanhava a equipa à hora das refeições e ia no autocarro com eles quando havia jogo.

O marido dela era uma das estrelas da equipa, explica, orgulhosa. Fizeram amor pela primeira vez num parque público à noite. Ela ainda vivia em casa dos pais. Ele partilhava um dormitório com os companheiros de equipa. Para onde mais poderiam ter ido?

— Éramos jovens — reflete ela. — Quando jovens... Sim. — Acende um cigarro. Suspira. Depois, num tom mais animado: — Eu jovem, mas não primeira vez para mim.

— Ah não? — Ferdinand parece interessado.

Ela põe-se a contar-lhes como perdeu a virgindade com um professor de natação num *hostel* em Itália; foi aos 15 anos.

— Ele mais velho — revela. — Isso bom, sabem?

Ali sentado de ombros encolhidos, Simon vai fumando sem dar sinal de estar a ouvir a conversa.

— É bom, primeira vez com alguém mais velho — diz-lhe ela.

E Ferdinand conta-lhe como ele próprio, com a mesma idade, foi seduzido pela ama da irmã; ela tinha mais dez anos, e foi muito bom.

— Sim — concorda a sua albergueira, os seus olhos grandes e afundados no rosto agora sérios —, *bom*.

— Foi *mesmo* — reitera Ferdinand, todo satisfeito com a sua proeza.

— Ser sempre melhor assim — diz ela. — Com pessoa mais velha, que tem mais experiência. Com pessoa que é boa pessoa.

Sentado, de ombros encolhidos, Simon fuma sem dar sinal de estar a ouvir a conversa.

— Tu entenderes o que eu digo?

A pergunta é para ele. A sua albergueira quer saber se ele a entendeu.

Ela e Ferdinand estão à espera de algum comentário seu, que indique que entendeu, que ouviu o que foi dito.

E então o telefone toca, algures noutra divisão. O telefone toca, ela levanta-se da cadeira e apressa-se, por entre as espirais de fumo no ar, com o seu robe amarelo que lhe dá pelo joelho, e os dois ouvem-na atender e começar a falar com alguém.

Passam a manhã à procura da Chapéu de Palha. Ao sol, à procura da Chapéu de Palha. Ferdinand dá voltas à cabeça, a pensar onde será mais provável ela estar, quais os locais turísticos onde poderão ficar de emboscada, para então fingirem surpresa caso ela apareça por lá de repente. Mas depressa se torna evidente que é em vão. A cidade é enorme e estende-se desordenadamente em todas as direções — até as coisas com interesse turístico estão atravancadas em becos de chão empedrado e em pequenas praças escondidas. Ferdinand tenta pôr-se na pele da Chapéu de Palha, tenta pensar como pensaria uma jovem da sua idade ou talvez um ou dois anos mais velha, não especialmente inteligente e amiúde desejada, que usa verniz azul-turquesa nas unhas dos pés e está prestes a começar o curso de secretariado. Num *pub* australiano, talvez? Ficam lá duas horas à espera, a beber cervejas umas atrás das outras e mal trocando uma palavra.

Também Simon parece estar com a cabeça longe dali.

Sentado no *pub* australiano, imagina uma sucessão de interações humanas como uma junção de líquidos. A combustão violenta, reflete, agrado com a maneira como está a desenvolver o conceito inicial, ou o congelamento instantâneo seriam as duas piores reações. O simples fracasso em misturar os dois líquidos seria talvez a reação mais normal. E o amor?

Karen Fielding

Bom, o amor, considera ele, seria algo, talvez, como um brilho trémulo ao misturarem-se os dois líquidos, que então resultariam num único líquido transparente

Karen Fielding

e esse brilho trémulo iria estabilizar até se tornar num pontinho luminoso, que, aos poucos, ficaria mais intenso, até a mistura dos dois líquidos ganhar finalmente um brilho suave e ininterrupto.

Karen Fielding

Sim, pensa ele, é isso o amor.

E o dia passa.

Em breve é já o fim da tarde.

Parado na Ponte Carlos, fustigado pelo vento, Ferdinand contempla as margens do rio que se estendem quase a perder de vista, e todos os telhados e coruchéus como que a amontoarem-se à medida que ficam mais afastados da água. E a Chapéu de Palha estará por ali algures. A menos que já tenha deixado a cidade. E, nesse caso, que dia estupidamente desperdiçado, pensa ele, enquanto Simon o aguarda, de costas para aquela vista.

No *pub* seguinte, Simon retoma o tema da vacuidade do turismo. Este *pub* é uma variação subterrânea; tem teto abobadado e escritos em letra gótica pelas paredes.

— Então quiseste fazer isto porquê? — pergunta Ferdinand, irritado, ao fim de alguns minutos.

— Isto o quê?

— Esta viagem.

— Pensei que ia ser bom — responde Simon.

— E achas que não está a ser?

— Não está a ser mau.

— E estavas à espera do quê?

Simon reflete por um momento.

— Não sei — acaba por responder.

O caso é que esperava qualquer coisa. Há duas semanas, ao subir para o comboio na estação de St. Pancras, fê-lo animado de uma qualquer esperança obscura.

Ao começo da noite, quando vão a caminho da estação de metro, pululam prostitutas nas sombras da avenida.

É quase agradável verem-se de novo na cozinha dela, debaixo da luz fluorescente. É quase uma sensação de regresso ao lar. Ela ri por entre baforadas de fumo enquanto Ferdinand lhe relata a busca pela Chapéu de Palha e lhe conta a história toda, começando pela maneira como se conheceram na véspera, ao lado da Catedral de São Vito.

— Portanto, encontras rapariga? — pergunta ela, a sorrir-lhe.

— E tornei a perdê-la.

— E ela checa?

— Não, inglesa.

— Inglesa! Devias arranjar rapariga checa. Rapariga checa não foge de ti.

— Não?

— Não. Ela pensa que tu rico.

— Eu não sou rico.

— Mas ela pensa que sim, és. E ela linda, a rapariga inglesa?

— Bem... Não era má.

— Tu encontras linda rapariga checa. E tu. — Volta-se para Simon, a sua expressão agora um pouco mais séria. — Encontras rapariga? Simon baixa o olhar.

— Não — responde, e, ato contínuo, leva o cigarro aos lábios.

Torna a erguer o olhar e dá com o dela ainda cravado nele.

Está a observá-lo atentamente e com uma espécie de tristeza.

— E tu rapaz tão bonito — diz.

Ele encolhe os ombros.

Faz-se silêncio.

Os olhos dela continuam nele; embora a olhar para os joelhos, Simon sente-os.

Ferdinand levanta-se e diz que se vai deitar.

— Ah, tu cansado — diz ela, como quem aprova. — OK. Tu dormires, então.

Quando Simon se levanta também, coisa que faz um segundo depois, numa espécie de pânico apressado, ela segura-lhe o pulso.

Mas solta-o de imediato quando, num movimento involuntário, ele sacode o braço.

— Também estou cansado — diz ele.

— Deixas eu aqui sozinha? — Ela dá uma pequena gargalhada. — Deixas senhora sozinha?

— Estou cansado.

— Mas tu novo. Devias estar acordado noite toda.

— Fica e acaba a cerveja — sugere Ferdinand, não ajudando em nada.

— Sim — diz ela —, ficas.

— Não quero. A sério, estou cansado.

Simon começa a contornar a mesa, em direção à porta, e ela agarra-lhe a mão. Fá-lo com ternura, não como quem quer forçar o outro. Terna, segura-lhe a mão.

— Fica para falar comigo — pede, ali sentada, de olhos erguidos para ele.

— Amanhã. — Ele solta a mão dos dedos quentes dela, que a agarram. — OK? Falamos amanhã.

— Hoje é hoje — replica ela, enigmática, como se aquilo fosse um provérbio.

Tem a mão na perna dele, sobre a ganga, algures na zona da anca.

— Estou cansado — quase implora ele.

Ferdinand já vai a sair.

— Fica comigo — pede ela baixinho, agora séria, a mão a deslizar para a dianteira da coxa dele.

— Por favor — diz ele. Quase parece que vai chorar. — Desculpe. Eu estou cansado.

Sai dali sem mais conversa e, passando pela máquina de lavar, segue o amigo pelo escuro adentro.

\*

— Ela quer-te, meu — diz Ferdinand.

Estão sentados a uma mesa de ferro forjado num parque com pavões que gritam de vez em quando, e ele está, evidentemente, a falar da sua albergueira. Com um ar preocupado, Simon fuma.

— Avança — incita-o Ferdinand. — Fode a gaja.

A ideia de que pode realmente fazer isso nunca ocorreu a Simon. Em vez de responder, apenas fita o amigo de sobrolho franzido.

— Porque não? — questiona Ferdinand.

Simon franze mais ainda a testa.

— Ela já deve ser quarentona — diz, desdenhoso.

— E então? — insiste Ferdinand. — Volta-se momentaneamente para olhar em volta da esplanada. — Aposto que sabe umas coisas — argumenta. — E até nem é nada má, não sei se viste. Tem umas belas pernas, ou não reparaste?

Simon não responde.

— Bem *sexy* — conclui Ferdinand. — Em nova, deve ter sido uma brasa...

— Em *nova*, talvez — resmunga Simon.

— Ela disse que fazia o quê?

Simon fica calado por instantes e depois responde:

— Disse que quase foi campeã de natação...

— Só que tinha o corpo malfeito para isso, já me lembro. Essa foi cómica. — Ferdinand sorri. — A verdade é que as nadadoras parecem todas umas tábuas. Porque é que não a fodes? — teima.

— Tu não a fodias.

— Não é a *mim* que ela quer — sublinha Ferdinand. — É a ti.

— Estava bêbeda.



– Bêbeda está ela sempre.

– Queres fazer o quê esta tarde? – pergunta Simon, tentando mudar de assunto.

– Acho mesmo que devias fodê-la – declara Ferdinand.

– Vá, a sério...

– Isto é a sério.

– Não, a sério, queres fazer o quê esta tarde?

– Ela não te atrai? Nada?

– Não – responde Simon. – Não me parece.

– Não te parece?

– Não.

– Eu cá não a acho má de todo – repete Ferdinand. – A sério, acho mesmo que devias comer a gaja.

Simon acende mais um cigarro. Está a fumar muito esta manhã, mais ainda do que é habitual.

– Sabias que, pelas sobranceiras de uma mulher, dá para ver exatamente como é a pentelheira dela? – pergunta Ferdinand.

Simon ri, um único exalar constrangido. Vai para perguntar, uma vez mais, o que hão de fazer nessa tarde, quando o amigo lhe pergunta:

– Não queres dar uma queca?

Simon encolhe os ombros e leva o cigarro aos lábios. Fita o tampo de ferro forjado da mesa, com a sua grossa camada de tinta.

– Não é nada por aí além – continua Ferdinand. – Só acho que devias comer a gaja, mais nada. No fim, se calhar até gostas.

Ficam em silêncio por um minuto, Simon ainda de olhos fixos no rendilhado metálico da mesa, Ferdinand a voltar a cabeça para ver quem mais anda por ali. Até que diz:

– Então, esta tarde fazemos o quê?

Simon, tendo, entretanto, recuperado a fala, sugere algo relacionado com Kafka, uma exposição.

– OK, pode ser – aceita Ferdinand.

Mas no fim, embora passem horas à procura, não a encontram, a exposição sobre Kafka, e passam mais uma tarde à deriva pelo centro infestado de turistas e de elétricos de uma antiga capital europeia.

— De verdade que não queres comer a gaja? — pergunta Ferdinand mais tarde.

Estão numa cervejaria, sentados frente a frente em bancos corridos e cercados por uma confusão de vozes, cada um com a sua caneca de litro de cerveja de Praga, meio bêbedos.

— Ela não é uma mulher feia — considera Ferdinand. — Pergunto-me que tal será despida. A sério, não tens interesse nem que seja só em vê-la nua?

Simon parece não o ouvir. Fixou-se num ponto mais afastado. Mas um rubor começa a tingir-lhe a cara.

Por fim, olha para Ferdinand.

— Acho que devíamos ir amanhã — declara. — Embora de Praga, quero dizer.

— A sério? — Ferdinand parece surpreendido.

— Queres ficar?

— Não particularmente.

— É que eu não quero — declara Simon.

— OK.

— Então, vamos amanhã?

— Se quiseres.

Passam pela estação para verem os horários. Resolveram que o próximo destino será Viena — Simon, ao que parece, está interessado em qualquer coisa da *Kunst*<sup>3</sup> de lá. Têm um comboio por volta das 10 horas.

Dali, regressam uma vez mais aos subúrbios.

E entram na cozinha enfumarada, onde ela os espera de robe amarelo.

Simon passou todo o dia a rezar para que o marido dela já tenha regressado de Brno — basta essa simples volta nos acontecimentos para a coisa acalmar.

O marido dela não regressou de Brno.

Ela espera-os a sós na cozinha, e eles sentam-se à mesa. Simon mal consegue olhar para ela. Já de manhã foi o mesmo — quando finalmente

---

<sup>3</sup> A arte, as artes plásticas. [N. T.]

apareceu, ainda húmido depois de um duche quase interminável, parecia assustado. Mas, esta noite, ela já não lhe liga tanto. Fala mais com Ferdinand, que parece querer poupar o amigo a embaraços e se esforça por falar com ela, para lhe desviar a atenção de Simon, que não abre a boca senão quando Ferdinand lhe diz, ao fim de talvez apenas uma meia hora:

— Bom, estamos os dois estoirados, acho eu. Não é, meu caro?

E Simon:

— Sim. — E põe-se imediatamente de pé.

— Assim sendo, acho que vamos dormir — declara Ferdinand, levantando-se também da cadeira.

Ela fá-los beberem mais um *slivovice*, os dois ali de pé, e só depois permite que se retirem.

\*

Ao acordar de manhã, Simon vê que Ferdinand não está ali, o que é estranho; normalmente, é Simon quem acorda primeiro. Fica à escuta, a tentar ouvir vozes na cozinha ou talvez o duche. Nada. A sombra da árvore do lado de fora da janela treme na parede. Veste as calças de ganga e a t-shirt. Vai à fétida casa de banho — uma porta insubstancial, com uma grelha de ventilação à altura dos tornozelos, no corredor sem janelas onde está a máquina de lavar.

E vai dar com Ferdinand na cozinha, sentado à mesa, a comer aquela espécie de iogurte azedo que ela lhes serve sempre e que Simon detesta; nem com compota lhe sabe bem. Ferdinand está sozinho.

— Bom dia — saúda.

— E ela? — pergunta Simon.

— Anda por aí — responde Ferdinand, entre duas colheradas de iogurte.

— Já a viste?

Ferdinand apenas anui. Há algo de estranho no modo como o faz.

— Acordaste cedo, não? — comenta Simon.

— Nem por isso.

— Há quanto tempo te levantaste?

— Hum... — Sem olhar para o amigo, Ferdinand raspa o iogurte no fundo do copo de vidro. — Aí há meia hora.

— Há café?

— Ela fez. Se houver, deve estar aí no fogão, não?

Diante do fogão, Simon serve-se de café. Ao voltar-se para se sentar uma vez mais à mesa, vê algo ali no chão. Parece-lhe familiar, mas não tem bem a certeza do que será. Só ao sentar-se se faz luz: aquilo é o robe amarelo dela. O robe dela, ali, no chão da cozinha.

— Dormiste bem? — pergunta-lhe Ferdinand.

— Normal.

— Ainda queres ir embora hoje? — indaga Ferdinand.

— Sim — diz Simon.

O robe dela, ali, no chão da cozinha.

Depois, o comboio para Viena. Ainda nem saíram de Praga e já Ferdinand adormeceu, e, com ele a roncar, o comboio estremece ao mudar de linha, e os subúrbios passam pelas janelas. Acordado e de pé no corredor da carruagem, Simon vê os vários lugares emblemáticos da cidade diminuírem na distância.

Invade-o uma estranha sensação de perda, uma sensação de perda sem objeto óbvio.

Volta para o seu lugar.

Observa o amigo, a dormir à sua frente, e, pela primeira vez, sente uma espécie de inveja. Por ele... Com ela... Se Ferdinand teve vontade de... E a viu...

O robe dela, ali, no chão da cozinha.

*The Ambassadors* dá-lhe sono.

Pousa o livro.

Olha lá para fora, e os subúrbios evaporam-se diante dos seus olhos.

## Vencedor do Plimpton Prize e do Gordon Burn Prize

Nove homens, cada um deles numa diferente fase de vida, cada um deles longe de casa, e cada um deles a tentar compreender — seja nos subúrbios de Praga, nas proximidades de um viaduto na Bélgica, num hotel barato no Chipre — o que significa exatamente estar vivo, aqui e agora.


Traçando um arco da primavera da juventude ao inverno da velhice, *Tudo o Que um Homem É* une estas vidas distintas para compor um retrato lancinante e revelador da masculinidade nos nossos dias. Sob o signo do conflito, da competição e do poder, mas também da fragilidade, Szalay mostra-nos, com desarmante crueza, os homens tal como eles são: ridículos e inarticulados, chocantes e desprezíveis, vitais e hilariantes; e, à medida que são ultrapassados pela idade, os desafios tornam-se extraordinariamente difíceis.

«Um romance espantoso – original, contundente, visceralmente elegíaco.» **WILLIAM BOYD**

«Estamos perante um momento raro, quando um romance faz com que olhemos para o mundo de maneira diferente, depois de o lermos... é o caso de *Tudo o Que um Homem É*.»

**NEW STATESMAN,**  
**LIVRO DO ANO**



<b>ELSINORE</b> entre nós e as palavras <b>20 20 editora</b>	ISBN 978-999-8864-40-6  9 789866 864406 Literatura Traduzida
YOU ARE WELCOME TO <a href="http://WWW.ELSINORE.PT">WWW.ELSINORE.PT</a>	